

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

LISIANE CRISTINA BAUER

**Narrativas distópicas: um estudo comparativo entre *1984* e a série *Black Mirror***

PORTO ALEGRE, 2018

LISIANE CRISTINA BAUER

**Narrativas distópicas: um estudo comparativo entre 1984 e a série *Black Mirror***

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior

LISIANE CRISTINA BAUER

**Narrativas distópicas: um estudo comparativo entre 1984 e a série *Black Mirror***

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovado em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior – Orientador

\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Ivana de Lima e Silva – UFRGS

\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Lucena Castilhos – UFRGS

*Dedico este trabalho a todas pessoas que  
sonham com um mundo livre.*

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha família que me deu o suporte necessário para que esse sonho se tornasse realidade, em especial à Dona Helena, minha mãe e a melhor de todas, que sempre me apoiou quando eu fiz planos para o meu futuro e acreditou que eu poderia conquistar uma vida melhor através do estudo. Agradeço ao meu irmão, Alex, que desde a infância acreditava que eu deveria continuar os estudos depois do Ensino Médio. A minha cunhada, Adriana, por ter entrado na nossa família, acreditar em mim e ser um exemplo no qual me espelhei. Aos meus sobrinhos, Gustavo e Gaby, que, para mim, são injeções de alegria e amor sempre que os vejo.

Agradeço à Aline, minha amiga de infância presente em minha vida há mais de vinte anos, que me apresentou a literatura e foi um componente essencial na minha formação de leitora, agradeço também por todos esses anos de amizade, trocas e momentos felizes.

Agradeço à Thays, amiga que me apresentou o romance estudado nesse trabalho e que, prontamente, me ajudou no processo de escrita. Agradeço também à Thayná por ter sido minha amiga e me acompanhado durante todos esses anos que vivo em Porto Alegre. A amizade de vocês duas tornaram essa jornada mais leve e alegre.

Agradeço às CHIGARRAS, minha família de coração, em especial à Bel, pelo carinho e a companhia que me fazia rir fácil, à Samara, pelo coração enorme, puxões de orelha e mordidas carinhosas, à Gaby, minha companheira de curso, pelas conversas instigantes e por seu compromisso com suas ideias, a August, também companheira de curso, por todas as ideias que trocamos e por ser esse ser compreensivo e ouvinte que é, e à Jé, minha companheira de aventuras além-mar, com quem tanto aprendi ao longo dos anos. Vocês são minhas irmãs e estamos conectadas para a vida. Também agradeço a tantos outros amigos e amigas que tomaram cerveja comigo e fizeram desse percurso, chamado academia, uma época prazerosa e de aprendizado fora dos muros da universidade.

Agradeço também a Real República Prá-kys-tão, casa situada em Coimbra, Portugal, onde vivi cem anos em um, aprendi como a vida coletiva é gratificante e fiz amizades que tanto me ensinaram.

Agradeço aos bons professores e professoras que encontrei no curso de Letras e, em especial, ao Antonio, meu professor orientador, que, desde a primeira aula, nos ensinou sobre autonomia e que, na escrita desse trabalho, me inspirou confiança, quando eu mesma não acreditava em mim e me forneceu as ferramentas necessárias para que este trabalho fosse realizado.

Por fim, agradeço ao sistema público de educação, onde me formei cidadã consciente e crítica sobre o meu entorno. Agradeço também às políticas de ações afirmativas que possibilitaram o meu ingresso à universidade e ao PROGRAMA DE AUXÍLIO ESTUDANTIL, que garantiu a minha permanência e conclusão do curso.

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*

(Eduardo Galeano)

## RESUMO

O objetivo desse trabalho foi abordar semelhanças entre *1984* de George Orwell e três episódios da série *Black Mirror* de Charlie Brooker. Foi realizado um estudo de comparação sobre mecanismos de controle, vigilância, o papel da figura política e outras características que compõem o gênero narrativo distópico. Para sustentar a argumentação, trago algumas ideias discutidas por autores como Ernesto Laclau, Guy Debord, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Leomir Hilário e Sigmund Freud.

**Palavras-chave:** 1984. Black Mirror. Controle. Vigilância. Distopia.

## **ABSTRACT**

The aim of this work was to address similarities between George Orwell's *1984* and three episodes of the TV series *Black Mirror* by Charlie Brooker. A comparative study was conducted in order to stress out how the control function, the surveillance, the role of the political figure and other characteristics that make the dystopic narrative genre are dealt in each work. In order to support the argument I bring some ideas from authors like Ernesto Laclau, Guy Debord, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Leomir Hilário and Sigmund Freud.

**Keywords:** 1984, Black Mirror, Control. Surveillance. Dystopia.

## Sumário

1 Introdução .....	11
2 <i>15 milhões de méritos</i> e a teletela Orwelliana - o controle do corpo .....	16
3 A vigilância denunciante em <i>Queda Livre</i> e <i>1984</i> .....	24
4 A construção da personagem política em <i>Momento Waldo</i> e o Grande Irmão .....	32
5. Considerações finais.....	38
Referências Bibliográficas .....	39

## 1 Introdução

Aos dezesseis anos, quando ainda me encontrava no segundo ano do Ensino Médio, fui apresentada pela primeira vez à obra de George Orwell. Na época, eu li *Revolução dos Bichos* para a disciplina de geografia, uma escolha interessante ou peculiar da professora, que queria que pudéssemos entender a sociedade em que estamos inseridos em uma abordagem mais interessante e menos teórica. Na primeira leitura, admirei muito o autor e sabia que ainda leria outros textos dele.

No ano de 2011, após o meu ingresso no curso de Letras, me encontrei uma noite conversando com uma grande amiga do curso, conversa na qual ela comentou o romance estudado neste trabalho. Refletíamos sobre maneiras de incidir na sociedade e nossa impotência perante um sistema tão grande e tão naturalmente aceito por todos. A partir daquela conversa, decidi ler *1984* e o resultado não foi diferente daquele que tive na primeira leitura de Orwell. Depois dessa leitura, muitas questões surgiram e até hoje permanecem. O interesse por narrativas distópicas se desenvolveu e a reflexão acerca da sociedade e os mecanismos de controle que nos são impostos influenciaram minha formação no curso e os caminhos que trilhei na vida.

A ideia de estudar Orwell para o trabalho de conclusão de curso sempre esteve presente, mas foi apenas em 2014, quando conheci *Black Mirror*, que a ideia de comparar o romance com a série surgiu. Percebi paralelos instigantes entre o livro e a produção audiovisual que renderiam uma discussão pertinente sobre os assuntos abordados neste trabalho.

*1984* é um romance distópico escrito em 1949, que disserta sobre um futuro pessimista para a civilização. A história é situada em Oceânia, um bloco continental controlado por um regime totalitário em que o Partido tem autoridade máxima sobre a vida dos indivíduos. A história acompanha a vida de Winston Smith, um funcionário do núcleo externo do Partido, inconformado com como as coisas estão. Winston é contrário ao Socing, regime político regente na Oceânia, pois as lembranças que ele tem da sociedade antes da revolução são melhores que as condições da vida que ele leva no tempo decorrido no livro. A rebeldia de Winston representa um grande perigo à manutenção do poder do Partido e do Grande Irmão. A rotina do personagem central

do romance está baseada em ir e voltar de seu trabalho no Ministério da Verdade e viver dia após dia sem esperanças de que o sistema seja destruído. O controle sobre os indivíduos em *1984* é intenso. Há a polícia das ideias, responsável por identificar e eliminar possíveis ameaças ao Socing. A Novafala é a língua que é constantemente revisada para que se eliminem palavras que possam desviar da simples e imparcial comunicação de eventos. As teletelas, presentes em diversos espaços públicos e até mesmo dentro das casas dos indivíduos, desempenham um papel central no romance. São elas as responsáveis pela comunicação entre o Grande Irmão e as pessoas, mas não apenas isso, elas também funcionam como mecanismos de vigilância e controle sobre as ações dos sujeitos. O Grande Irmão é a representação do partido, presente em diversos cartazes espalhados pela cidade em que Winston vive, e é uma presença constante e vigilante na vida de Winston e de outras pessoas no romance. “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, embaixo” (ORWELL, 1949, p. 12), era a legenda que acompanhava as representações do líder do Partido.

*Black Mirror* é uma série de televisão britânica criada por Charlie Brooker. A série tem episódios autônomos, situados em um futuro próximo não definido, que tratam de aspectos do ser humano e sua relação com a tecnologia. Em *Black Mirror*, os avanços tecnológicos que tanto facilitam nossas vidas tornam-se ferramentas que transformam as pessoas e, algumas vezes, as desumanizam. Os episódios analisados tratam de temas como a espetacularização, o controle do corpo e a vigilância constante, todos frutos de maneiras equivocadas de se utilizar a tecnologia. O nome da produção audiovisual diz muito sobre seu conteúdo. *Black Mirror* (em inglês, “espelho preto”) faz referência às telas dos computadores, celulares e outros aparatos tecnológicos tão presentes em nosso cotidiano, que refletem o verdadeiro problema da sociedade, nós, os seres humanos.

Um aspecto interessante para se levar em conta ao analisar obras tão distantes em época e ao mesmo tempo com tantas similaridades é o contexto em que elas foram produzidas. Acredito que será uma experiência enriquecedora pensar na ideia de sociedade distópica que se tinha em um contexto pós-guerra, como é o caso de *1984*, e em como, hoje, os temores são outros.

O que une o romance de Orwell e a série de Charlie Brooker é a capacidade criativa e pessimista de como as coisas podem dar errado caso a humanidade não esteja atenta às suas ações. É aqui que o conceito de distopia entra em cena. Para

definirmos a ideia de distopia, é necessário, antes, fazer uma reflexão a partir da palavra utopia. Utopia é uma palavra para designar a sociedade perfeita em uma esfera política e social. Ao refletir sobre a origem etimológica da palavra, compreendemos que utopia (*u-topos*) significa “lugar nenhum”. Utopia, portanto, é um não-lugar, assim como a distopia, mas com uma diferença estrutural. O prefixo *u* é uma condição subentendida do prefixo *eu*, mais positivo, que indica justiça e nobreza (cf. HILÁRIO, 2013, p. 204). Utopia, portanto, significa um não lugar, um lugar irreal, inverossímil, mas feliz e justo. Se, por um lado, utopia carrega um tom otimista, a distopia significa o contrário. Distopia, etimologicamente falando, é uma palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, em dificuldade ou mau funcionamento) mais *topos* (lugar); literalmente, distopia significa lugar de forma distorcida (HILÁRIO, 2013, p. 205). As narrativas distópicas surgem no século XX, quando a razão humana perde seu caráter emancipatório da humanidade e passa a ser usada como instrumento para controle e domínio de outros povos (cf. HILÁRIO, 2013, p. 205). Em outras palavras, distopia significa uma sociedade injusta, infeliz e, por vezes, catastrófica para os indivíduos que a compõem.

Os episódios analisados e relacionados a *1984* serão três. O primeiro episódio é nomeado *15 milhões de méritos* e é o segundo da primeira temporada. Nesse episódio, as pessoas vivem em uma sociedade na qual a produção de energia é realizada através de pedaladas em bicicletas. Essas pedaladas rendem méritos, moeda de troca na sociedade em que as personagens estão inseridas, essenciais para se viver. Além da produção de energia, há outro aspecto presente na vida dos indivíduos. Eles são bombardeados o dia inteiro com propagandas e programas de entretenimento, alguns inclusive devem ser vistos obrigatoriamente: se alguém se recusar a assistir aos programas deve pagar com seus méritos. Este aspecto, a espetacularização da vida, é uma das ideias que tangenciam minha reflexão sobre o episódio e sobre a sociedade. Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo*, teoriza sobre as sociedades modernas e sobre como tudo se tornou elemento espetacular: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1992, p. 13). A única oportunidade de fuga desse sistema é ascender à classe do entretenimento. Para isso, é necessário comprar um bilhete dourado que garantirá o acesso ao concurso,

onde serão escolhidas as novas estrelas daquela sociedade. Bing, o personagem central, abdica de seus méritos e presenteia uma amiga cujo talento musical pode ser suficiente para escapar daquela estrutura. Para refletir sobre esse episódio, utilizarei as ideias de dois autores. O primeiro é Michel Foucault, do qual trago algumas ideias discutidas em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão* para refletir sobre mecanismos de controle do corpo e vigilância dos indivíduos. O segundo autor é o próprio Guy Debord. No livro mencionado, Debord discorre sobre a espetacularização da sociedade moderna, e suas ideias encaixam-se pertinentemente na discussão realizada sobre esse episódio.

O segundo episódio analisado é o primeiro da terceira temporada, intitulado *Queda livre*. No episódio em questão, acompanhamos Lacie, uma jovem que vive com seu irmão e tem um emprego aparentemente satisfatório. O aspecto que chama atenção nesse capítulo é a rede social que Lacie e a maioria das pessoas utilizam. A rede social em questão não influencia apenas na esfera virtual. As pessoas estão constantemente conectadas e sendo avaliadas por todos. Uma grosseria com alguém ou uma ação infeliz perante os olhos vigilantes do outro pode acarretar uma avaliação baixa, e isso pode assombrar quem a recebeu. A nota que uma pessoa tem no aplicativo pode determinar a profissão que ela tem e o lugar que ela vive. Lacie vive para a rede social, até que uma série de desventuras a levam à mais baixa colocação na estrutura. Para analisar esse episódio, fiz uso das reflexões de Gilles Deleuze em *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. Para isso, também contrastei as sociedades de controle com as sociedades disciplinares sobre as quais Foucault teoriza em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*.

*Momento Waldo*, terceiro e último episódio estudado, é o terceiro da segunda temporada. Waldo é um personagem fictício de televisão cujo único objetivo é satirizar figuras públicas importantes. O sucesso do urso azul conquista diversas pessoas desacreditadas do sistema político. Para ir mais a fundo na crítica que Waldo tece aos políticos da cidade ficcional de Stentonford, o programa do qual ele é personagem decide que Waldo irá concorrer a um cargo político. A candidatura de Waldo desestabiliza o sistema e mostra como ele é falho. O único problema do urso azul é que ele não é real, mas uma criação coletiva de uma equipe de televisão, ou seja, ele não estaria apto a exercer um cargo político nesses moldes. Waldo pode ser interpretado como uma espécie de Grande Irmão: assim como o líder do partido,

Waldo não é uma pessoa de carne e osso, mas apenas uma representação de uma ideia. Para discutir a criação da personagem política, faço uso das reflexões que Freud tece em *Psicologia das massas e análise do eu*. No livro em questão, é discutido o comportamento das massas e sua relação estreita entre o sujeito desejante e o grupo de que almeja sentir-se parte. Para discutir a questão da criação da personagem política nos casos de Waldo e do Grande irmão, fiz uso de algumas ideias discutidas em *A razão populista*, de Ernesto Laclau, que dialoga sobre o populismo e suas características.

Ao fim desse trabalho, pretendo ter estabelecido paralelos entre a série e o romance analisado. Acredito que as semelhanças entre um e outro são notáveis, dadas as questões discutidas nos capítulos posteriores. Espero poder colocar minhas ideias de maneira que, ao terminar este trabalho, as questões sobre como a sociedade funciona possam suscitar reflexões sobre o modo como lidamos com estruturas de poder, mecanismos de controle e, também, com o uso da tecnologia, quando não observado de perto.

## **2 15 milhões de méritos e a teletela Orwelliana - o controle do corpo**

Para conhecedores do romance distópico de Orwell, as semelhanças entre o livro e o episódio *15 milhões de méritos* são perceptíveis. O episódio inicia com a personagem central, Bing, sendo apresentada e, junto disso, também é apresentada sua rotina. Bing vive em uma espécie de prisão em que todas suas ações são vigiadas e controladas. O local em que Bing vive pode ser comparado ao projeto panóptico, teorizado por Bentham e discutido por Michel Foucault em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. O edifício em questão não apresenta a mesma estrutura circular que o prédio panóptico, por excelência, deveria ter, mas o projeto de controle e disciplina sobre os corpos é o mesmo. O exercício do poder no panoptismo torna-se automático, e não mais uma força coercitiva sobre os indivíduos.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. (FOUCAULT, 1975, p. 166)

O controle sobre as personagens do episódio se dá de maneira muito parecida ao do romance de Orwell. A teletela, que no livro é representada por uma televisão, ganha um aspecto mais futurista no episódio em questão e não está posicionada em alguns pontos estratégicos na rotina das pessoas, mas cerca as pessoas em seu espaço privado. A primeira cena demonstra como a vigilância é constante. Bing acorda em um cubículo rodeado de telas, que são responsáveis por acordá-lo e também por vigiá-lo.



Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, teoriza sobre os mecanismos de controle e disciplina sobre o corpo e sobre como esse controle se dá, não apenas pela vigilância, mas também pelo local material em que esse corpo se encontra.

E em primeiro lugar segundo o princípio da localização imediata ou do quadriculamento. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1975, p. 123)

Os méritos que aparecem no episódio fazem uma clara referência ao sistema capitalista: eles podem ser entendidos como a força de trabalho que o trabalhador deve vender para sobreviver. Para tudo o que a personagem deseja realizar, é necessário que tenha trabalhado e conquistado, por mérito próprio, direitos triviais, como escovar os dentes ou se alimentar. Os méritos são conquistados através da

produção de energia, por pedaladas em bicicletas, que regem toda a experiência de vida em que as personagens estão inseridas. O controle do corpo se dá ainda de outras formas, como, por exemplo, na obrigatoriedade de assistir aos comerciais produzidos pelo sistema em que vivem. Os anúncios vão desde apresentações artísticas a anúncios de programas eróticos, que os cidadãos daquela sociedade escolhem entre assistir ou pagar com seus méritos pelo direito de ter momentos de silêncio e tranquilidade. Um paralelo que podemos traçar entre o livro e o episódio analisado é o consumo desse tipo de conteúdo.

Tanto no livro quanto no episódio, o envolvimento sexual não é encorajado e, ao invés disso, cria-se um conteúdo para que o controle corporal dos indivíduos se dê perfeitamente. No trecho a seguir, temos a descrição de uma das funções do Ministério da Verdade que, entre outras tantas incumbências, produzia conteúdo para o proletariado.

E ao ministério cabia não apenas suprir as inúmeras necessidades do Partido como também reproduzir toda essa operação num nível inferior, em benefício do proletariado. Havia uma série de departamentos dedicados especificamente à literatura, à música, ao teatro e ao entretenimento proletário em geral. Ali eram produzidos jornais populares contendo apenas e tão somente esportes, crimes e astrologia, romances sem a menor qualidade, curtos e sensacionalistas, filmes com cenas e mais cenas de sexo, e canções sentimentais compostas de forma totalmente mecânica por uma modalidade especial de caleidoscópio conhecida como versificador. (ORWELL, 1984, p. 57)

No episódio, assim como no livro, o poder dominante entende a necessidade da indústria cultural e proporciona a seus submetidos uma cultura rasa, que irá mantê-los inertes diante do sistema que os rodeia. O controle da sexualidade é muito bem articulado no romance orwelliano; exemplo disso é a Liga Juvenil Antissexo, apresentada nas primeiras páginas do romance. O controle do desejo sexual contribui para que os indivíduos não se rebelem contra a ordem instaurada e se mantenham corpos dóceis. Assim como no livro, as personagens em *15 milhões de méritos* não devem ter envolvimento afetivo umas com as outras; o amor acaba sendo um ato revolucionário em ambos os sistemas.

Bing vive sua rotina normalmente até que conhece uma garota, Abi Khan. Assim como Winston, que no livro começa a ser transgressor a partir do momento em que conhece Julia, a mulher que iria se tornar sua amante, Bing também deseja que algo aconteça de diferente a partir de seu encontro com Abi. O episódio inicia sua trama quando Bing escuta Abi cantar no banheiro e decide ajudá-la a ser libertada daquele sistema. Para que isso aconteça, é necessário mudar de classe, que no episódio são três. Há a classe dos faxineiros, encarregados pela limpeza da estrutura em que todos vivem, que poderiam ser comparados aos proletas do livro de Orwell. Há a classe que produz a energia nas bicicletas, da qual Bing e Abi fazem parte, e que representariam a classe do núcleo externo do partido, do qual Winston e Julia participam. E, finalmente, há a classe do entretenimento, comparável ao núcleo interno do partido, que são os poderosos do sistema vigente. Há uma possibilidade de sair da classe geradora de energia e passar a integrar a classe do entretenimento, mas para isso é necessário comprar um bilhete que garanta o acesso a um concurso no qual quem se destacar poderá vir a integrar a classe do entretenimento e, portanto, ter privilégios como ver o mundo real e se alimentar de uma comida não artificial.

Quando Bing escuta Abi cantando, ele decide comprar esse bilhete, que poderia tirá-la dali. Primeiramente ela hesita, mas acaba aceitando a ajuda de seu amigo. O bilhete para participar do concurso e se tornar a próxima *hotshot*, programa que cria novas estrelas para outros programas, custa quinze milhões de méritos. Bing tem certeza que Abi irá encantar todas e todos com sua magnífica voz e, por essa razão, abdica de uma herança deixada por seu irmão e decide libertar alguém daquela estrutura de sociedade.

No dia do concurso, Bing e Abi estão confiantes e rumam para o concurso. Abi chega ao local onde irá cantar e acaba passando na frente de diversos outros candidatos a mando dos que controlam a classe do entretenimento. Logo quando sobe ao palco, Abi é sexualizada e Wraith, o dono do canal erótico, a assedia para que tire a blusa e mostre seu corpo a uma plateia enorme. Abi, desconfortável com a

situação, permanece inerte até o ponto em que Charity, a única juíza mulher, a tranquiliza e pede para que apenas cante. Como esperado, Abi canta e conquista os juízes e a plateia com sua linda voz. Em certo ponto ela é interrompida pelo juiz Hope, que pede a ela que pare de cantar e explica que atualmente os canais de entretenimento têm cantoras ótimas e que por isso não precisam de mais uma.

O juiz Hope concorda com Wraith e sugere que ela entre para o canal erótico, pois ela se encaixa perfeitamente no perfil requerido àquele canal. Abi, que não esperava por essa possibilidade, se encontra numa encruzilhada, pois pode sair da vida baseada nas bicicletas e geração de energia, mas terá que abdicar de seus valores. Bing fica transtornado e começa a gritar para ela que não o faça, que desista, mas logo é retirado do palco pelos seguranças e levado de volta ao lugar que pertence.

Abi ter aceitado o sistema pode ser comparado ao fato de Julia ter se rendido ao Partido. Ambas são submetidas a um sistema opressor e entendem que devem se curvar ao desejo dos poderosos, tanto Winston quanto Bing compreendem suas decisões e percebem o quão impotentes estão diante da força controladora exercida sobre seus corpos. A situação de ambas personagens são parecidas, mas com diferenças importantes. Enquanto Julia se rende ao Partido por ter sido presa e torturada, Abi se rende ao sistema devido ao terror psicológico a que é submetida. Julia, sob tortura física e psicológica, não tinha escolha senão a de se render, e Abi, muito embora tenha sido uma escolha difícil, ainda assim tinha certa autonomia sobre seu corpo.

Revoltado com o destino de Abi, Bing retorna à sua vida. Tudo corre normalmente até que Bing, desprovido de méritos que permitiam que ele não assistisse a certos programas, se vê obrigado a ver um dos programas eróticos de que Abi se tornou uma personagem. Transtornado pelo destino que a mulher que amava, e pela qual havia sacrificado seus méritos, tinha tomado, Bing quebra a tela de seu quarto e guarda um pedaço de vidro, que planeja usar posteriormente.

Determinado a fazer justiça, Bing decide participar do *hotshot* e levar aquele pedaço de vidro ao programa e com aquilo garantir seu direito à opinião sobre o que ele pensava daquele concurso.

Sendo assim, Bing conhece o custo do bilhete que será sua porta de entrada para o concurso e passa os próximos meses gerando tanta energia quanto consegue gerar e economiza todos os méritos para que possa, o mais rapidamente possível, entrar no programa e seguir com seu plano. Enquanto Bing pedala e vende sua energia vital para o sistema, ele também pratica um número de dança que usará como desculpa para iniciar sua performance e fazer o que ele acredita que precisa ser feito.

Chega o grande dia em que Bing atinge os quinze milhões de méritos e decide, então, comprar o bilhete de entrada para o concurso. Chegando ao programa, o episódio nos sugere como esse sistema é injusto no encontro de Bing com uma competidora que ainda esperava por uma chance de subir ao palco desde que Abi se apresentou, de modo que podemos concluir que não importa o quanto você se esforce para que as coisas deem certo, quando o sistema é injusto e as regras não se aplicam a todos da mesma forma, não há motivo para continuar tentando.

Bing chega ao programa, inicia sua performance e no meio dela tira o pedaço de vidro que estava escondido em seu corpo e ameaça se matar na frente de todos se não o deixarem falar. A apresentadora Charity convence Hope e Wraith de que Bing merece o direito de falar, e então ele discursa sobre como aquele sistema transforma coisas verdadeiras em mentiras e de como aqueles apresentadores não enxergam pessoas, mas objetos de entretenimento que podem ser usados e descartados.

O discurso de Bing é elogiado por Hope e Charity e Wraith concordam que aquela foi uma das melhores e mais verdadeiras apresentações em toda a história do programa. Por fim, é oferecido a Bing um programa em que ele pudesse falar tudo que ele pensava sobre aquele sistema, pois aparentemente as pessoas precisavam de um programa que fosse inspirador e verdadeiro. Incentivado pela plateia, Bing

acaba aceitando o programa que lhe oferecem e acaba escapando daquela estrutura em que vivia.

A revolta de Bing e sua posterior assimilação pelo setor do entretenimento é algo que ocorre com o objetivo de fortalecer ainda mais o sistema. Quando Bing sucumbe ao setor do entretenimento, ele se torna um herói comercializável. O sistema, quando assimila as ideias rebeldes, garante que essa rebeldia se transforme em mercadoria, podendo ser utilizada em benefício do sistema com o qual os indivíduos se revoltam. Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo*, discute esse fenômeno.

A aceitação dócil que existe pode juntar-se a revolta puramente espetacular: isso mostra que a própria insatisfação tornou-se mercadoria, a partir do momento em que a abundância econômica foi capaz de estender sua produção até o tratamento dessa matéria-prima. (DEBORD, 1997, p. 39)

Bing, assim como Winston, acaba se rendendo ao sistema vigente aceitando o modo como as coisas são. No caso de Bing, ele conseguiu melhorar de vida, no plano individual, um ideal capitalista que não era o que ele acreditava. Winston não ascende ao núcleo interno do Partido, mas acaba se rendendo aos seus ideais e acreditando que o sistema era justo e que assim devia ser. Bing aceita o sistema por não enxergar possibilidades de mudança e o fato de ter seu próprio programa irá lhe conferir privilégios, enquanto Winston acaba aceitando as ideias do Partido após ser submetido a um intenso processo de reforma do pensamento e tortura.

Há semelhanças que conectam o livro e o episódio fortemente. A teletela, por exemplo, no livro, não podia nunca ser desligada por membros da classe do meio, mas podia ter o volume abaixado. No episódio, as telas com anúncios e programas até poderiam ser desligadas, mas havia um custo: a força de trabalho de cada um. No livro, membros do núcleo interno do Partido tinham o privilégio de desligarem a teletela totalmente; no episódio, para a classe do entretenimento não existiam telas que obrigassem as pessoas a verem programas indesejados.

Ao passar pela teletela, O'Brien pareceu lembrar-se de alguma coisa. Estacou, virou para o lado e comprimiu um interruptor na parede. Ouviu-se um estalido seco. A voz emudecera.

Julia emitiu um som minúsculo, uma espécie de gritinho de surpresa. Mesmo em pânico, Winston estava abismado demais para conseguir segurar a língua.

“Vocês podem desligar”, exclamou.

“É”, disse O’Brien, “podemos. Temos esse privilégio.” (ORWELL, 1984, p. 203)

No final do episódio, quando Bing ascende à classe do entretenimento, ele pode ser visto em um local físico muito diferente do qual estava habituado. Um ambiente não tão disciplinante como aquele das bicicletas, com vista para o mundo exterior e com a possibilidade de desligar as telas que o cercavam.



### **3 A vigilância denunciante em *Queda Livre* e 1984**

O episódio *Queda Livre* é o primeiro da terceira temporada da série *Black Mirror* e mostra como a tecnologia pode influenciar negativamente os nossos relacionamentos interpessoais. Lacie, a protagonista do episódio, é um ótimo exemplo de como os indivíduos são idealizados e projetados por uma sociedade que se propõe ao controle e à vigilância. No episódio em questão, Lacie é uma cidadã perfeita, tem um estilo de vida saudável e compactua fortemente com o sistema social no qual está inserida. Para termos uma ideia mais clara de como funciona esse sistema, atentemo-nos a algumas características da rede social que rege vários aspectos na vida das pessoas no episódio.

Nessa sociedade, supostamente futurista, as pessoas vivem para a rede social, ou seja, algo só é real e faz parte de suas vidas se puderem postar e comentar sobre aquilo. As interações e as possibilidades de estilos de vida são pautadas pelo número de estrelas que as pessoas recebem em seus perfis pessoais. Logo no início do episódio somos apresentados à Lacie que na cena em questão está correndo e, ao mesmo tempo, também está com os olhos mergulhados no celular, vendo o que acontece na vida das pessoas e avaliando-as positivamente para que em troca essas pessoas a avaliem positivamente também. Depois vemos a personagem ensaiando expressões no espelho de sua casa, numa clara demonstração de como a imagem importa mais do que as vivências que ela experimenta. Logo após uma conversa com seu irmão sobre a necessidade de encontrarem um novo lugar para morar – pois o contrato de aluguel irá vencer em duas semanas – Lacie e o telespectador são transportados para uma cena em que a perfeição inatingível é composta através da fotografia do episódio. O uso de tons pastéis e uma luminosidade aparente dão a ideia de que aquele é um mundo perfeito. Esse local no qual se encontra a protagonista é um café perto de seu trabalho, e ali ela come um biscoito e toma um café. Tanto o biscoito quanto o café são péssimos – a julgar pela expressão facial de Lacie. No entanto, ela posta sobre isso na rede social fazendo um comentário agradável a respeito daquela experiência gastronômica supostamente magnífica que teve.



Um claro exemplo de como uma baixa pontuação na nota que cada pessoa recebe pelas estrelas adquiridas na rede social pode afetar negativamente a vida de uma pessoa acontece logo no início do episódio, quando Lacie chega ao seu trabalho e percebe um clima estranho em relação a um de seus colegas. Este último está oferecendo smoothies de cortesia e, quando Lacie aceita um de seus agradados, o movimento a seguir é dar uma boa nota ao colega, como retribuição à sua gentileza. Logo depois, um outro colega explica que Chester e Gordon, que costumavam namorar, acabaram terminando e que as pessoas do trabalho estavam do lado de Gordon, e portanto, não avaliando Chester muito bem na rede social. Assim, Lacie sabe como deve agir de acordo com o comportamento esperado da rede de colegas e, inclusive, uma avaliação baixa pode ser entendida como uma ameaça. Algumas cenas mais tarde, quando Lacie chega ao trabalho, ela encontra Gordon no hall de entrada, impossibilitado de entrar no escritório, pois sua pontuação está muito baixa e sua entrada naquele ambiente não é mais permitida.



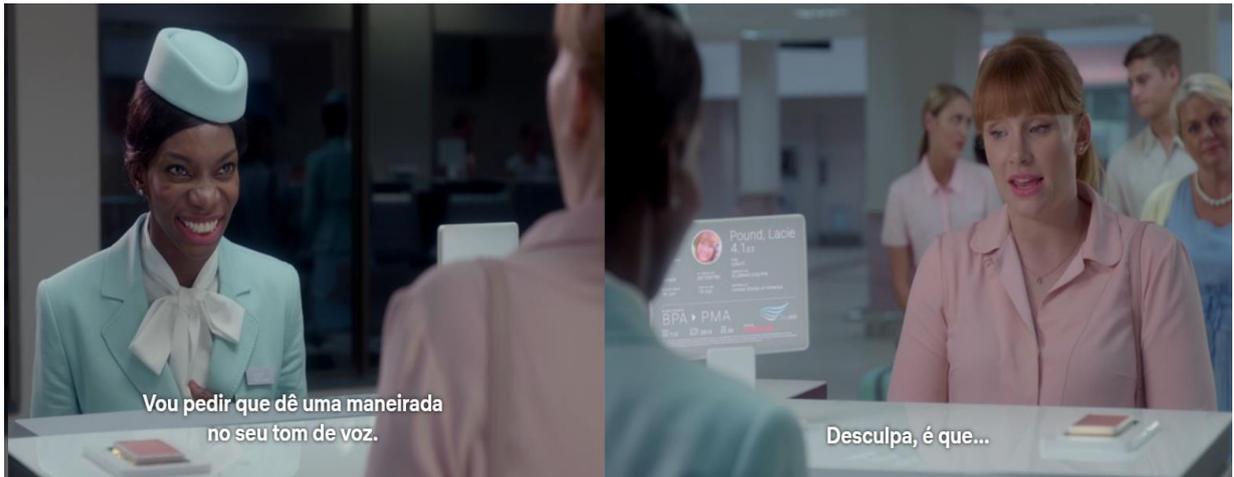
-A porta não abre. Estou com 2,4.  
-Desculpa, Ches. Estou atrasada.

O controle do corpo demonstrado nesse episódio já foi imaginado por Felix Guattari, segundo o texto de Deleuze, *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. No excerto abaixo, Guattari imagina como será o futuro da humanidade e o episódio analisado é uma viva ilustração de como isso funcionaria.

Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). Félix Guattari imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (individual) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. (DELEUZE, 1990, p. 224)

O conflito inicial do episódio acontece quando Lacie visita apartamentos para alugar e acaba descobrindo que o lar ideal custa um pouco mais do que ela pode pagar. A corretora, percebendo o choque da cliente, conta a ela sobre o plano de Influenciadores Premium, no qual quem tiver uma nota acima de 4.5 acaba ganhando um desconto de 20% no valor do aluguel. Lacie procura um consultor social para descobrir se é possível que ela atinja o nível esperado pelo condomínio. O consultor parece otimista e diz que a possibilidade de ela atingir a nota necessária é real e totalmente alcançável, mas que pode demorar em torno de 18 meses. Isso decepciona

Lacie que precisa se tornar uma influenciadora premium até o final de semana. O consultor explica que se ela receber boas avaliações de pessoas com notas altas isso poderia funcionar como um impulso no seu objetivo. A partir daí, Lacie se encontra desesperada por boas avaliações de pessoas importantes chegando a beirar o ridículo de se esforçar demais em interações cotidianas. Tudo muda quando ela decide fazer uma postagem sobre um boneco que ela mantém em sua mesa de trabalho, o Mr. Rags. Mr. Rags foi um boneco que Lacie fez com Naomi, uma amiga de infância que acabou se distanciando dela quando se tornaram adultas e que hoje era uma pessoa altamente influente na rede social. A ideia de Lacie funciona e a foto de Mr. Rags emociona sua amiga, acontecendo exatamente o que Lacie precisava para obter seu impulso na esfera de influência. À noite, quando Lacie já se encontra em casa, ela recebe uma ligação de sua antiga amiga e é convidada para ser madrinha do seu casamento que acontecerá em poucos dias. Lacie aceita o convite e percebe que seu objetivo está mais próximo de ser alcançado do que nunca. Ela prepara um lindo discurso sobre a infância e sobre sua amizade com Naomi, um discurso falso, pois, de acordo com o Irmão de Lacie, Naomi costumava ser uma péssima amiga. Aparentemente, tudo parecia estar dando certo até que Lacie inicia sua viagem para o casamento de Naomi, que acontecerá em uma ilha particular. Antes mesmo de sair de casa, ela recebe uma nota baixa por se atrasar e perder o carro que ela havia chamado, mas isso era apenas o início de uma série de desventuras que Lacie teria que enfrentar para chegar ao casamento. Chegando ao aeroporto, Lacie descobre que seu voo fora cancelado e, portanto, iria perder o jantar de ensaio. A situação da protagonista se complica quando, impossibilitada de embarcar em um voo naquela noite, ela começa a ter um comportamento desviante do esperado e se vê obrigada a



controlar sua revolta interna, pois o contrário poderia acarretar em uma punição na rede social por parte dos indivíduos que se encontravam presentes no aeroporto.

Assim como no episódio *Queda Livre*, em que a protagonista Lacie se encontra obrigada a forçar sorrisos em troca de uma avaliação boa de caráter, no romance de Orwell encontramos um movimento parecido. Em *1984*, o personagem Winston reflete sobre o poder de seu sistema nervoso em denunciá-lo perante uma ordem social preestabelecida. No trecho abaixo, podemos perceber como Winston se preocupa com a máscara que deve viver todos os dias.

O pior inimigo de uma pessoa, refletiu, era seu sistema nervoso. A qualquer momento a tensão que se acumulava em seu interior corria o risco de traduzir-se num sintoma observável. Lembrou-se de um sujeito com o qual cruzara na rua semanas antes: um homem de aspecto bastante normal, membro do Partido, com cerca de trinta cinco, quarenta anos, um pouco alto e magro, levando uma pasta na mão. Estavam a alguns metros de distância um do outro quando, sem mais nem menos, o lado esquerdo do rosto do desconhecido sofrera uma espécie de espasmo e ficara todo contorcido. A coisa de repetira no momento que os dois se cruzavam: era apenas uma contração muscular, um estremecimento, rápido como o clique de um obturador fotográfico, mas obviamente acontecia com frequência. Winston recordava ter pensado na ocasião: esse pobre-coitado está perdido. E o assustador era o fato de que a coisa podia ser inconsciente. O perigo mais letal de todos era falar dormindo. Até onde Winston podia ver, contra isso não havia como precaver-se. (ORWELL, 1984, P. 82)

Assim como Winston, Lacie sabe que se ela se desviar do comportamento esperado poderá sofrer as consequências. O personagem central do romance, por diversas vezes, cita a Polícia das Ideias, uma organização cuja função é detectar e

punir indivíduos que tenham ideias contrárias às do Partido. Essa vigilância constante sobre o comportamento das pessoas se dá em todos os âmbitos da vida dos indivíduos, nem o ambiente privado é seguro para desabafar sobre qualquer incomodo em relação ao Partido. Até as crianças, doutrinadas através da organização dos Espiões, espionavam e delatavam seus próprios pais.

Com crianças daquele tipo, pensou Winston, aquela infeliz mulher deve levar uma vida de terror. Mais um ou dois anos e eles começariam a vigiá-la noite e dia em busca do menor sintoma de inotordoxia. Quase todas as crianças eram horríveis atualmente. O pior de tudo era que, por meio de organizações como a dos Espiões, elas eram transformadas em selvagens incontroláveis de maneira sistemática – e nem assim mostravam a menor inclinação para rebelar-se contra o Partido e tudo que se relacionasse a ele. (ORWELL, 1949, p. 36)

Aqui podemos estender a reflexão sobre as ideias que Gilles Deleuze nos apresenta em *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. Nesse texto, Deleuze discorre sobre as sociedades disciplinares e as sociedades de controle.

São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. (DELEUZE, 1990, p. 220)

Diferentemente do que Deleuze descreveu sobre as sociedades de controle, Michel Foucault teorizou anteriormente sobre as sociedades disciplinares. Cabe salientar que a sociedade disciplinar discutida em *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão* é mais adequada para descrever os mecanismos de controle sobre os corpos em 1984. Na sociedade disciplinar, o controle sobre as pessoas é exterior e não há a permissão do sujeito para que esse controle seja exercido sobre ele, enquanto que na sociedade de controle, o sujeito delega tal controle sobre si.

No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 1975, p. 173)

Se no romance orwelliano as pessoas e, mais precisamente, a personagem principal, Winston Smith, teme uma sociedade disciplinar que irá puni-lo quando houver um comportamento desviante do esperado pelo partido, no episódio *Queda Livre*, Lacie teme o controle exercido pelos indivíduos que fazem uso das redes sociais. No primeiro caso, o controle é exercido por um poder exterior ao indivíduo, enquanto no segundo o poder exercido sobre Lacie é concedido por ela mesma ao participar da rede social e possibilitar o controle e a vigilância que uma rede de indivíduos detém sobre ela, muito embora as formas de vigilância tanto do livro quanto da série sejam exercidas por qualquer cidadão – no livro, esse controle é em prol do Partido, enquanto no episódio aqui analisado, o controle só é possível perante uma concessão do indivíduo que se vê desejanste de participar de uma estrutura social virtual. O controle do corpo não se dá apenas materialmente, impedindo as pessoas de circularem livremente, mas também na maneira que elas devem se comportar, as palavras que usam, os gestos que fazem e as opiniões que expressam estão sempre sendo vigiadas, seja pela Polícia das Ideias ou os Espiões no romance de Orwell, seja pelos indivíduos participantes da rede social no episódio analisado.

Percebendo a impossibilidade de ir de avião para o casamento de sua amiga, Lacie se vê obrigada a alugar um carro e dirigir até o local onde o casamento será realizado. Depois do incidente com a atendente do aeroporto, Lacie sofre uma medida punitiva do segurança do aeroporto que retira pontos de sua influência na rede e toda avaliação negativa que ela tiver dali pra frente terá um valor duplicado. Novamente, Lacie sofre consequências devido a sua baixa pontuação e termina alugando um carro antigo que mais tarde, no episódio, ficará sem bateria, o que acarretará mais dificuldades na realização daquele plano perfeito que Lacie tinha para se tornar uma influenciadora Premium na rede social. A partir disso, as coisas se tornam mais difíceis e a pontuação de Lacie só diminui, e, quanto menos valor ela tem, menos as pessoas se importam com ela. Naomi, percebendo a baixíssima pontuação com que Lacie se encontra na rede social, liga para ela e lhe diz que ela não precisa mais vir ao casamento, seria um escândalo ter uma pessoa com uma nota tão baixa em um casamento de tamanha importância e com pessoas tão influentes na rede social. Lacie, transtornada com a mudança repentina de Naomi, decide aparecer no casamento mesmo assim e causa um grande desconforto ao ler seu discurso sobre Naomi. Ela passa de grande influenciadora digital para uma pessoa marginalizada e desprezível aos olhos dos convidados. No final, acaba sendo presa por perturbar a

ordem em um evento privado, mas ao mesmo tempo se vê livre das amarras de um sistema que a coagia a inibir suas emoções e pensamentos.

Um comparativo interessante para se fazer entre série e livro é o fato de que a prisão de Winston não significa a sua liberdade, mas uma conformação às ideias do Partido. Quando Winston é preso pela Polícia das Ideias, o objetivo do Partido não é exterminar sua presença, mas que ele se curve ao poder do Partido. No final do romance, Winston só será eliminado quando aceitar e amar o Grande Irmão. Numa espécie de prisão simbólica, o protagonista do livro é aprisionado dentro dentro de sua própria mente quando aceita e abraça a ideia de que o Grande Irmão e o Partido são positivos para a sociedade. Lacie, que se encontrava aprisionada no sistema, ao ser punida com a privação da liberdade de seu corpo, pode se libertar da rede social e pensar e dizer o que quiser livremente.

#### 4 A construção da personagem política em *Momento Waldo* e o Grande Irmão

*Momento Waldo*, terceiro episódio da segunda temporada de *Black Mirror*, nos traz reflexões sobre o modo como personagens políticas são construções coletivas e sobre a fragilidade que elas possuem. Waldo é um personagem criado para ironizar políticos e outras figuras de autoridade, e, nesse quesito, *Black Mirror* mostra como a sociedade do espetáculo transforma personagens estúpidos em esperança para o povo. Inicialmente, sua aparição em programas de televisão é esporádica, mas tudo muda quando o sucesso de Waldo chama a atenção de pessoas mais poderosas no ramo do entretenimento ao ironizar Liam Monroe, candidato do partido conservador às eleições da cidade de Stentonford.

Jamie, o homem que dá vida e voz a Waldo, é convidado para realizar um programa sobre o personagem e, portanto, um episódio piloto é idealizado para que o público possa ter Waldo mais presente em suas rotinas. Waldo é querido por sua capacidade de ironizar figuras públicas com seu humor sagaz e piadas constrangedoras. O problema é que, sabendo das intenções que Waldo tem ao entrevistar uma figura pública, nenhum candidato ou outra pessoa de importância se deixará ser entrevistada pelo urso azul cuja missão é satirizar seus entrevistados.

Tendo essa questão colocada, o programa no qual Waldo é uma estrela decide que ele irá perseguir os políticos e outras figuras de interesse nas ruas, sendo projetado em uma tela que estaria presa a uma van. Assim, Waldo não precisaria que seus alvos consentissem com o constrangimento que ele planejava impor, pois ele poderia assediá-los publicamente e fazer disso uma reportagem.



Os diretores do programa de Waldo, além de criticar os candidatos que estão concorrendo às eleições, decidem também entrar na disputa. A candidatura de Waldo, à primeira vista, pode ser encarada como uma piada, mas o que acontece a partir desse evento é o que torna o episódio distópico: as pessoas de Stentonford, desacreditadas da política, aderem à candidatura de Waldo com o objetivo de demonstrarem sua insatisfação com a presente situação política. Waldo é um alívio cômico, ele não precisa ser inteligente ou sério, mas apenas escarnecer os outros candidatos.

Waldo é convidado a participar de um debate com outros candidatos, e isso amedronta Jamie, que não é um político, apenas um comediante que interpreta um urso azul animado e que está concorrendo à eleição de sua cidade. Chegando ao debate, Waldo faz suas piadas usuais, criticando especialmente o candidato conservador, até que o candidato o ataca pessoalmente. Liam Monroe, não ataca o personagem, mas o homem por trás da tela, Jamie Salter. Depois de fazer duras e difíceis críticas à carreira de Jamie Salter, Liam invoca Waldo para o debate. Primeiramente, parece que Waldo está abalado com o que acabou de ouvir, mas logo se restabelece e inicia a sua crítica ao candidato e à política em geral. Waldo defende que a política deixou de ser algo sério e que por isso as pessoas estavam mais propensas a votarem nele do que em um político de carne e osso.



Dessa maneira, Waldo pode ser a representação da indignação coletiva com a política e, de certa forma, ele pode ser visto como um Grande Irmão assim como o líder do partido que controla a sociedade em 1984. Waldo pode ser visto como um Grande Irmão não no sentido de que ele observa tudo e todos a todo o momento, mas sim como uma figura política que une o povo em sua revolta. O urso azul e o líder do partido são como pais para as pessoas. Freud, em *Psicologia das Massas e análise do eu*, discorre sobre essa figura paternalista que o líder assume.

O líder da massa continua sendo o temido pai primordial, a massa ainda quer ser dominada por uma força irrestrita, anseia pela autoridade num grau extremo, tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão. O pai primordial é o ideal da massa, que domina o eu em lugar do ideal do eu. (FREUD, 1921, p. 139)

Outro elemento que une as pessoas em torno das ideias de Waldo e também em torno do Grande Irmão é o ódio. No caso de Waldo, o ódio é direcionado aos políticos comuns que, na opinião das pessoas, não transformam a sociedade realmente. No caso do Grande Irmão, o ódio é direcionado a Goldstein, o traidor do Partido e de suas ideias. Ernesto Laclau, em *A razão populista*<sup>1</sup>, descreve esse

<sup>1</sup> Os excertos extraídos do livro *A razão populista* de Ernesto Laclau não correspondem na totalidade às reflexões que o autor fez sobre o populismo. No referido livro, Laclau se mostra contrário às visões mais disseminadas sobre o populismo.

mecanismo de união das massas através do ódio a algo: “Como deveríamos lembrar, esta é uma das possibilidades da formação de um grupo antecipadas por Freud: o traço que possibilita a mútua identificação entre membros do grupo é o ódio” (LACLAU, 2005, p. 119). A discussão em torno do populismo feita por Laclau merece uma observação mais atenta. Waldo e o Grande Irmão são personagens frutos do populismo, pois, de alguma forma, desafiam o sistema vigente e, de alguma forma, representam o povo. Waldo desafia quando denuncia a decadência da política, e o Grande Irmão desafia ao representar uma sociedade que se coloca em oposição à sociedade anterior, no caso, a sociedade capitalista. Laclau reflete sobre essa questão em seu livro *A razão populista*.

Como qualquer tipo de sistema institucional é inevitável e pelo menos parcialmente limitador e frustrante, existe algo de atraente em qualquer figura que o desafie, quaisquer que sejam as razões disso e as formas que o desafio assume. Existe em qualquer sociedade um reservatório de sentimentos brutos contra o status quo, que se cristalizam em alguns símbolos *muito independentemente das formas de sua articulação política*, e é sua presença que percebemos intuitivamente quando denominamos “populista” um discurso ou uma mobilização. (LACLAU, 2005, p. 189)

O urso azul é um líder, um representante de uma ideia que une as massas, um personagem que dá voz à insatisfação geral que as massas têm em relação à política. O fenômeno descrito no episódio é discutido por Freud. No referido livro, Freud faz uso das ideias de Le Bon para discutir esse sentimento de pertencimento a um grupo ou uma tribo e como os indivíduos agem de formas diferentes quando compõem um grupo e quando agem individualmente.

O que há de mais singular numa massa psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que sejam seus modos de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, a mera circunstância de sua transformação numa massa lhes confere uma alma coletiva, graças à qual sentem, pensam e agem de modo inteiramente diferente do que cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados numa massa. (LE BON, 1895 apud FREUD, 1921, p. 40)

Esse comportamento pode ser explicitado no episódio ao se perceber um crescimento em torno da popularidade de Waldo. De um urso azul e irônico, ele passa a ser o representante da revolta da massa para com a política. As pessoas expressam

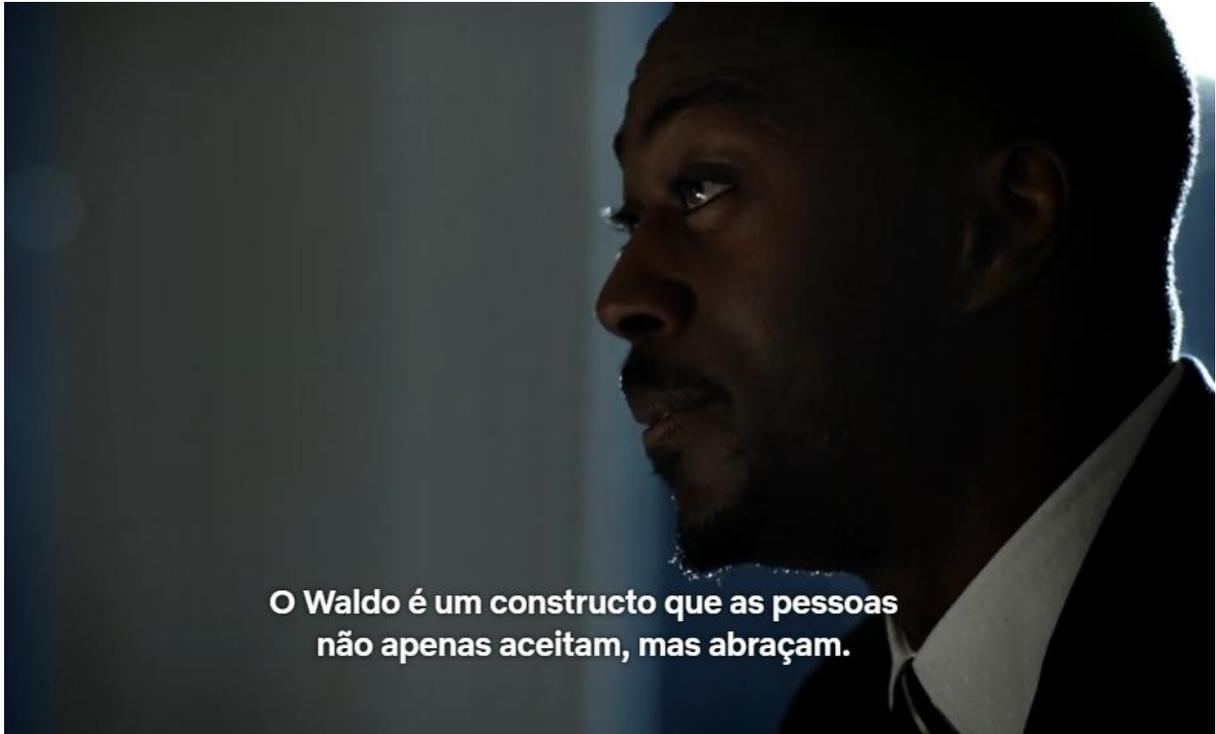
a sua raiva e se sentem compelidas a aderirem ao movimento de adorarem Waldo. Uma ponte que pode ser estabelecida com o livro são os dois minutos de ódio que os indivíduos da Oceânia praticavam diariamente. No romance, os dois minutos de ódio funcionam como uma ferramenta de controle social sobre as massas, o pertencimento a um grupo que tem como inimigo a mesma pessoa cria uma espécie de lealdade entre o grupo. O inimigo em comum entre os habitantes da Oceânia é Emmanuel Goldstein, traidor da revolução e uma ameaça às ideias defendidas pelo Partido

A programação de Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o personagem principal era sempre Goldstein. Ele era o traidor original, o primeiro conspirador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultado direto de sua pregação.” (ORWELL, 1949, p. 22)

Jamie, ator que vive Waldo por trás das telas, sucumbe à pressão de se tornar uma figura pública e não consegue continuar interpretando Waldo. Com diversos argumentos, ele expõe seu desconforto ao interpretar Waldo, que se tornou um líder para as massas insatisfeitas com a política. Jamie defende que não é um político e que por isso não pode continuar interpretando Waldo, pois assim estaria enganando as pessoas que acreditam no urso azul. Jack Napier, chefe de Jamie e dono do programa no qual Waldo foi criado, explica ao comediante que os direitos sobre Waldo são dele e que, por essa razão, Jamie não é imprescindível para os planos que ele tem para Waldo. Jamie volta atrás em sua decisão e decide que irá interpretar Waldo. Sua popularidade continua aumentando e sua participação nas eleições chama a atenção mundial. Jack e Jamie encontram-se com Jeff Carter, uma figura poderosa de Washington, e nesse encontro eles percebem o que Waldo pode vir a se tornar. Após esse encontro, Jamie, em um momento de insatisfação com os rumos que o personagem está tomando, decide sabotar a agenda do programa. Em uma de suas aparições públicas, ele incita os eleitores a não votarem nele e afirma que apenas idiotas votariam em um urso azul. Jack expulsa Jamie da van em que eles estão e prontamente assume o controle sobre o personagem Waldo, despersonalizando de uma vez por todas o candidato mais inconveniente daquelas eleições.

Waldo torna-se uma espécie de Grande Irmão: ele não é real, mas uma ideia construída coletivamente ao redor de um personagem, uma ideia que representa as massas, um líder, uma figura que ocupa um lugar divino que pode abarcar todos os

descontentamentos de uma grande massa disposta a fazer parte de algo que prometa alguma mudança na sociedade.



Assim como Waldo, o Grande Irmão é uma figura que representa um grupo de pessoas e seus interesses. Ele não é uma pessoa real, mas apenas um rosto que simboliza e personifica o Partido.

Tudo isso considerado, seria possível deduzir, caso já não a conhecêssemos, qual é a estrutura geral da sociedade oceânica. No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as experiências científicas, todo o conhecimento, toda a sabedoria, toda a felicidade, toda a virtude seriam um produto direto de sua liderança e inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. Podemos alimentar razoável certeza de que jamais morrerá, e já existe considerável discussão quanto ao ano em que nasceu. O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização. (ORWELL, 1949, p. 245)

## 5. Considerações finais

No curso da realização desse trabalho, procurei estabelecer paralelos entre o romance *1984* e a série *Black Mirror*. Ambas as obras se conectam de algum modo: se na metade do século XX, o receio da humanidade era a instauração de um regime totalitarista e cerceador das liberdades, no início do século XXI, aparentemente, o que aterroriza e amedronta o público é o curso doentio do uso da tecnologia e suas mediações das relações humanas, que, de certa forma, também exercem controle e nos aprisionam.

Supostamente, a ideia de sociedade distópica é diferente entre uma obra e outra, mas ambas trazem fatores que conversam entre si. As pessoas prezam por sua liberdade individual, por seu direito à opinião e ao espaço privado, ninguém gostaria de ter sua vida constantemente vigiada ou controlada por organizações invisíveis ou inatingíveis.

Acredito que a escrita sobre essas estruturas narrativas seja de suma importância para que, ironicamente, nós, enquanto sujeitos críticos, nos vigiemos mutuamente para que essas previsões pessimistas do futuro não se tornem realidade.

É necessário que ponderemos sobre figuras políticas que se intitulam salvadoras da pátria para que não cometamos o erro de acreditar que um indivíduo sozinho pode revirar estruturas tão segmentadas na sociedade. Precisamos estar atentos ao uso que se faz da tecnologia e até que ponto ela existe para o nosso bem estar. E, finalmente, devemos observar a maneira que nós mesmos fazemos o uso da tecnologia e como devemos ter cuidado para que esse uso não interfira negativamente em nossas relações interpessoais. Não são raras as vezes em que escutamos alguém em uma roda de amigos dizer a frase “Isso é muito *Black Mirror*”, e isso talvez seja um fator a ser considerado fortemente, já que é sobre nossas vidas que estamos falando.

Por fim, a distopia cumpre um papel de gatilho, algo que nos desperta para o mal que pode vir, é o choque com uma realidade exagerada que nos faz refletir sobre o absurdo que queremos manter distante. Se Galeano proclama que a utopia serve para nos fazer caminhar, talvez a distopia sirva para desviarmos do caminho ou regredir alguns passos.

## Referências

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1992. 238 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 230 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1975. 262 p.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&pm, 1921. 176 p.

GALEANO, Eduardo. Para que serve a utopia? – Eduardo Galeano. Youtube, 17 mai. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>. Acesso em: 1 jul. 2018.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.201-215, 7 out. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2005. 384 p.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1949. 414 p.

## Episódios

15 milhões de méritos. Dir.: Euros Lyn. Zeppotron, 2011. Netflix. Web. Acesso em: 1 jul. 2018.

Momento Waldo. Dir. Bryn Higgins. Zeppotron, 2013. Netflix. Web. Acesso em: 1 jul. 2018

Queda livre. Dir. Joe Wright. House of Tomorrow, 2016. Netflix. Web. Acesso em: 1 jul. 2018.